

Vindo Sobre as Nuvens

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Vimos que o discurso de Cristo sobre o Monte das Oliveiras, registrado em Mateus 24, Marcos 14 e Lucas 21, trata com o “o fim” – não do mundo, mas de Jerusalém e do templo; ele tem referência exclusiva aos “últimos dias” da era do Antigo Pacto. Jesus falou claramente dos *seus próprios contemporâneos* quando disse que “esta geração” veria “todas estas coisas”. A “Grande Tribulação” ocorreu durante o terrível tempo de sofrimento, guerra, fome e assassinato em massa que culminou na destruição do Templo no ano 70 d.C. O que parece ser um problema para esta interpretação, contudo, é o que Jesus diz a seguir:

Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus (Mateus 24:29-31).

Jesus parecia estar dizendo que a segunda vinda ocorreria imediatamente após a tribulação. Por acaso a segunda vinda ocorreu em 70 d.C.? Nós a perdemos? Primeiro, vamos esclarecer uma coisa desde o princípio: é impossível evitar a palavra *imediatamente*.² Ela significa *imediatamente*. Reconhecendo que a tribulação ocorreu durante a geração que então vivia, devemos encarar também o claro ensino da Escritura que, não importa sobre o que Jesus esteja falando nestes versículos, isso ocorreu *imediatamente* depois. Em outras palavras, estes versículos descrevem o que aconteceu *no final* da tribulação – que forma o seu clímax.

Para entender o significado das expressões de Jesus nesta passagem, precisamos entender o Antigo Testamento muito mais que a maioria das pessoas de hoje entendem. Jesus estava falando a uma audiência que era intimamente familiar com os detalhes mais obscuros da literatura do Antigo Testamento. Eles tinham ouvido o Antigo Testamento lido e exposto inúmeras vezes em suas vidas, e tinham memorizado longas passagens. O conjunto de

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Setembro/2006.

² A versão do autor trás “imediatamente” ao invés de “logo em seguida”. De maneira semelhante, lemos na NVI: “imediatamente após a tribulação daqueles dias o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os poderes celestes serão abalados”.

figuras bíblicas e formas de expressão tinham formado sua cultura, ambiente e vocabulário desde a tenra infância, e isto por várias gerações.

O fato é que, quando Jesus falou aos seus discípulos sobre a queda de Jerusalém, ele *usou vocabulário profético*. Havia uma “linguagem” de profecia, instantaneamente reconhecível àqueles familiarizados com o Antigo Testamento. À medida que Jesus predizia o fim completo do sistema do Antigo Pacto – que foi, num sentido, o fim de um mundo todo – ele falou dele como qualquer outro profeta teria feito, com a linguagem comovente do juízo pactual. Consideraremos cada elemento nesta profecia, vendo como seu uso nos profetas do Antigo Testamento determinou seu significado no contexto do discurso de Jesus sobre a queda de Jerusalém. Lembremos que nosso padrão último de verdade é a Bíblia, e a Bíblia somente.

O Sol, a Lua e as Estrelas

No final da tribulação, disse Jesus, o universo entraria em colapso: a luz do sol e da lua seriam extintas, as estrelas cairiam, os poderes do céu seriam abalados. A base para este simbolismo está em Gênesis 1:14-16, onde é dito que o sol, a lua e as estrelas (“os poderes dos céus”) são os “sinais” que “governam” o mundo. Mais tarde na Escritura, essas luzes celestiais são usadas para falar das autoridades e governos terrenos; e quando Deus ameaça vir contra eles em julgamento, a mesma terminologia do universo em colapso é usada para descrever isso. Profetizando a queda de Babilônia diante dos medos em 539 a.C., Isaías escreveu:

Eis que vem o Dia do SENHOR,
dia cruel, com ira e ardente furor,
para converter a terra em assolação
e dela destruir os pecadores.
Porque as estrelas e constelações dos céus
não darão a sua luz;
o sol, logo ao nascer, se escurecerá,
e a lua não fará resplandecer a sua luz.
(Isaías 13:9-10).

Significativamente, Isaías mais tarde profetizou a queda de Edom em termos de *des-criação*:

Todo o exército dos céus se dissolverá,
e os céus se enrolarão como um pergaminho;
todo o seu exército cairá,
como cai a folha da vide e a folha da figueira.
(Isaías 34:4).

O profeta Amós, contemporâneo de Isaías, profetizou a ruína de Samaria (722 a.C.) duma maneira muito similar:

Sucedirá que, naquele dia,

diz o SENHOR Deus,
farei que o sol se ponha ao meio-dia
e entenebreerei a terra em dia claro.
(Amós 8:9).

Outro exemplo é do profeta Ezequiel, que predisse a destruição do Egito. Deus disse através de Ezequiel:

Quando eu te extinguir,
cobrirei os céus e farei enegrecer as suas estrelas;
encobrirei o sol com uma nuvem,
e a lua não resplandecerá a sua luz.
Por tua causa, vestirei de preto todos os brilhantes luminares do céu
e trarei trevas sobre o teu país,
diz o SENHOR Deus. (Ezequiel 32:7-8).

Deve ser enfatizado que *nenhum* desses eventos ocorreu literalmente. Deus não pretendia que alguém interpretasse estas declarações literalmente. *Poeticamente*, contudo, todas estas coisas *aconteceram*: com respeito às nações ímpias, “as luzes de apagaram”. Isso é simplesmente linguagem figurada, que não nos surpreenderia se fôssemos mais familiarizados com a Bíblia e seu caráter literário.

O que Jesus está dizendo em Mateus 24, portanto, em terminologia profética imediatamente reconhecida pelos seus discípulos, é que a luz de Israel seria extinta; a nação do pacto cessaria de existir. Quando a tribulação terminar, o antigo Israel terá desaparecido.

O Sinal do Filho do Homem

As traduções mais modernas de Mateus 24:30 são mais ou menos assim: “E então o sinal do Filho do Homem aparecerá no firmamento...”. Esta é uma tradução incorreta, baseada não no texto grego, mas nas suposições equivocadas dos tradutores sobre o assunto desta passagem (pensando que ela está falando sobre a segunda vinda). Uma tradução palavra por palavra do texto grego seria assim:

E então aparecerá o sinal do *Filho do Homem no céu...*

Como podemos ver, duas diferenças importantes aparecem na tradução correta: primeiro, a localização indicada é o *céu*, e não apenas o *firmamento*; segundo, não é o *sinal* que está no céu, mas o *Filho do Homem*. O ponto é simplesmente que este grande julgamento sobre Israel, a destruição de Jerusalém e do Templo, seria o sinal que *Jesus Cristo está entronizado no céu à destra de Deus, governando as nações e vingando-se dos seus inimigos*. O cataclismo divinamente ordenado do ano 70 d.C. revelou que Cristo tinha tirado o Reino de Israel e dado à Igreja; a desolação do antigo Templo foi o sinal final de que Deus o havia abandonado e estava agora habitando num novo Templo, a Igreja. Estes são todos aspectos do primeiro advento de Cristo, partes cruciais

da obra que ele veio realizar por sua morte, ressurreição e ascensão ao trono. Este é o porquê a Bíblia fala do derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja e a destruição de Israel como sendo *o mesmo evento*, pois estavam intimamente unidos teologicamente. O profeta Joel predisse tanto o Dia de Pentecoste como a destruição de Jerusalém duma só vez:

E acontecerá, depois,
 que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne;
 vossos filhos e vossas filhas profetizarão,
 vossos velhos sonharão,
 e vossos jovens terão visões;
 até sobre os servos e sobre as servas
 derramarei o meu Espírito naqueles dias.
 Mostrarei prodígios no céu e na terra:
 sangue, fogo e colunas de fumaça.
 O sol se converterá em trevas,
 e a lua, em sangue,
 antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR.
 E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR
 será salvo;
 porque, no monte Sião e em Jerusalém,
 estarão os que forem salvos,
 como o SENHOR prometeu;
 e, entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar.
 (Joel 2:28-32).

Como veremos num capítulo posterior, a interpretação inspirada de São Pedro deste texto em Atos 2 determina o fato que Joel está falando do período desde o derramamento inicial do Espírito até a destruição de Jerusalém, desde o Pentecoste até o Holocausto. É suficiente para nós observarmos aqui que a mesma linguagem de julgamento é usada nesta passagem. A interpretação sensacionalista comum de que “colunas de fumaça” são os cogumelos das explosões nucleares é uma distorção radical do texto, e um mau entendimento completo da linguagem profética da Bíblia. Isso faria tanto sentido quanto dizer que a coluna de fogo e fumaça durante o Êxodo foi resultado de uma explosão atômica.

As Nuvens do Céu

Isso, apropriadamente, nos leva ao próximo elemento na profecia de Jesus sobre a destruição de Jerusalém: “e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (RC). A palavra *tribos* aqui tem referência primária às *tribos da terra de Israel*; e é provável que a “lamentação” tenha dois sentidos. Primeiro, eles lamentariam com dor o sofrimento e a perda da sua terra; segundo, num dia no futuro, eles lamentariam em arrependimento por seus pecados, quando fossem convertidos da sua apostasia (veja Romanos 11).

Mas como eles veriam a Cristo vindo sobre as nuvens? Este é um símbolo importante do poder e da glória de Deus, usado por toda a Bíblia. Por exemplo, pense na “coluna de fogo e nuvem” por meio da qual Deus salvou os israelitas e destruiu seus inimigos na libertação do Egito (veja Êxodo 13:21-22; 14:19-31; 19:16-19). De fato, por todo o Novo Testamento Deus estava vindo “nas nuvens”, salvando o seu povo e destruindo os seus inimigos: “Pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro e voas nas asas do vento” (Salmos 104:3). Quando Isaías profetizou do julgamento de Deus sobre o Egito, ele escreveu: “Sentença contra o Egito. Eis que o SENHOR, cavalgando uma nuvem ligeira, vem ao Egito; os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá dentro deles” (Isaías 19:1). O profeta Naum falou similarmente da destruição de Nínive por Deus: “O SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés” (Naum 1:3). A vinda de Deus “sobre as nuvens do céu” é um símbolo bíblico muito comum para sua presença, julgamento e salvação.

Mais significativo, contudo, é o fato que Jesus está se referindo a um evento específico associado com a destruição de Jerusalém e o fim do Antigo Pacto. Ele falou dele novamente no seu julgamento, quando o sumo sacerdote lhe perguntou se ele era o Cristo, ao que Jesus respondeu:

Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu (Marcos 14:62; cf. Mateus 26:64).

Obviamente, Jesus não estava se referindo a um evento milhares de anos no futuro. Ele estava falando de algo que seus contemporâneos – “esta geração” – veriam em seu tempo de vida. A Bíblia nos diz exatamente quando Jesus veio com as nuvens do céu:

Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos (Atos 1:9).

De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus (Marcos 16:19).

Foi esse evento, *a Ascensão à destra de Deus*, que Daniel previu:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite,
e eis que vinha com as nuvens do céu
um como o Filho do Homem,
e dirigiu-se ao Ancião de Dias,
e o fizeram chegar até ele.
Foi-lhe dado domínio,
e glória, e o reino,
para que os povos, nações e homens de todas as línguas
o servissem;
o seu domínio é domínio eterno,
que não passará,

e o seu reino jamais será destruído.
(Daniel 7:13-14).

A destruição de Jerusalém foi o sinal que o Filho do Homem, o Segundo Adão, estava no céu, governando o mundo e dispondo-o aos seus próprios propósitos. Em sua ascensão, ele tinha vindo sobre as nuvens do céu para receber o Reino do seu Pai; a destruição de Jerusalém foi a revelação desse fato. Em Mateus 24, portanto, Jesus não estava profetizando que ele viria literalmente sobre as nuvens no ano 70 d.C. (embora isso fosse *figurativamente* verdade). Sua literal “vinda sobre as nuvens”, em cumprimento de Daniel 7, aconteceu em 30 d.C., no começo da “última geração”. Mas em 70 d.C. as tribos de Israel veriam a destruição da nação como o resultado de ele ter ascendido ao trono do céu, para receber seu Reino.

A Reunião dos Eleitos

Finalmente, Jesus anunciou que o resultado da destruição de Jerusalém seria o envio dos seus “anjos” para ajuntar os eleitos. Não é isto o arrebatamento? Não. A palavra *anjos* significa simplesmente *mensageiros* (cf. Tiago 2:25), a despeito da sua origem ser celestial ou terrena; é o *contexto* que determina se estes mencionados são criaturas celestiais ou não. A palavra frequentemente significa *pregadores do Evangelho* (veja Mateus 11:10; Lucas 7:24; 9:52; Apocalipse 1-3). No contexto, há toda razão para assumir que Jesus está falando do evangelismo mundial e da conversão das nações que ocorreriam após a destruição de Israel.

O uso que Cristo faz da palavra *ajuntar*³ é significante neste sentido. A palavra, literalmente, é um verbo que significa *sinagogar*; o significado é que, com a destruição do Templo e do sistema do Antigo Pacto, o Senhor envia seus mensageiros para reunir seu povo eleito em sua Nova Sinagoga. Jesus está na verdade citando Moisés, que tinha prometido: “Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade dos céus, desde aí te *sinagorará* o SENHOR, teu Deus, e te tomará de lá” (Deuteronômio 30:4, Septuaginta). Nem um dos textos tem algo a ver com o arrebatamento; ambos estão preocupados com a restauração e estabelecimento da Casa de Deus, a congregação organizada do seu povo actual. Isto se torna ainda mais enfático quando lembramos o que Jesus disse antes deste discurso:

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu *sinagogar* os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. (Mateus 23:37-38).

³ “Ajuntar” na RC e “reunir” na RA. (Nota do tradutor).

Porque Jerusalém tinha apostado e recusado ser “sinagogada” por Cristo, seu Templo seria destruído, e uma Nova Sinagoga e Templo seriam formados: a Igreja. O Novo Templo foi criado, certamente, no Dia de Pentecoste, quando o Espírito veio habitar a Igreja. Mas o fato da existência do novo Templo seria evidente somente quando o Antigo Templo e o sistema do Antigo Pacto fossem tirados. As congregações cristãs começaram imediatamente a se chamarem de “sinagogas” (que é a palavra usada em Tiago 2:2), enquanto chamavam as reuniões dos judeus de “sinagogas de Satanás” (Apocalipse 2:9; 3:9). Todavia, eles anelavam o Dia do Juízo sobre Jerusalém e o Antigo Templo, quando a Igreja seria revelada como o verdadeiro Templo e Sinagoga de Deus. Porque o sistema do Antigo Pacto era “antiquado” e estava “prestes a desaparecer” (Hebreus 8:13), o escritor aos Hebreus instou-os a que tivessem esperança, “não deixemos de *sinagogar-nos*, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hebreus 10:25; cf. 2 Tessalonicenses 2:1-2).

A promessa do Antigo Testamento de que Deus “sinagogaria” seu povo experimentou uma mudança importante no Novo Testamento. Em vez da forma simples da palavra, o termo usado por Jesus tem uma preposição grega *epi* como prefixo. Esta é uma expressão predileta do Novo Pacto, que *intensifica* a palavra original. O que Jesus está dizendo, portanto, é que a destruição do Templo no ano 70 d.C. o revelaria como tendo vindo com as nuvens para receber seu Reino; e demonstraria sua Igreja diante do mundo como a *super-Sinagoga*, completa e verdadeira.

Fonte: Capítulo 2 do excelente livro *The Great Tribulation*, de David Chilton.